

「 prosa 」

Natalia
Viana」

Kiss e as mulheres de Tejucopapo

Eu ia escrever sobre a venda de direitos de propriedade intelectual pelo Kiss, aquela legendaria banda de rock dos anos 80, cujos membros agora não são mais donos nem das músicas que escreveram, nem da maquiagem que marcou época, nem da própria imagem quando tocavam em shows lotados, nem de qualquer coisa que venha a ser produzida em seu nome. Eu ia escrever essa crônica sobre a distopia de uma empresa compradora (neste caso, a suíça Pophouse Entertainment) passar a controlar o passado e suas projeções futuras. Ia escrever sobre as implicações de uma transferência dessas, que na era da Inteligência Artificial (IA) adquire contornos sinistros. E ia escrever, de maneira estruturada e bem argumentada, sobre como a Pophouse Entertainment pode, agora, simplesmente recriar, através de IA, as músicas do Kiss —

Natalia Viana nasceu em São Paulo, em 1979. É cofundadora e diretora executiva da Agência Pública. É autora de vários livros-reportagem, dentre eles *Dano colateral* (Objetiva, 2021). Como repórter e editora, recebeu diversos prêmios de jornalismo, dentre eles Vladimir Herzog de Direitos Humanos, Comunique-se, Troféu Mulher Imprensa, Gabriel Garcia Márquez e Ortega y Gasset. Também é autora do livro *O vazamento: memórias do ano em que o Wikileaks chacoalhou o mundo* (Fósforo, 2024).

pode, inclusive, treinar uma ferramenta de IA apenas para escrever novas canções da banda, que serão representadas por uma versão digital do Kiss em videoclipe, que será de uma qualidade indistinguível das antigas (que não eram lá grandes coisas); e o resultado será que a banda jamais vai envelhecer ou morrer e, até mesmo, deixar de realizar espetáculos, *ad infinitum*, *ad nauseum*.

Ia escrever sobre isso.

Mas eu seria uma farsante, ao divagar sobre cenários calculados no futuro, estando eu na pequena cidadezinha de Goiana, em Pernambuco, no topo de um morro e diante das trincheiras de Tejucopapo, que marcam o local onde, em 1646, mulheres deste pequeno vilarejo escoraçaram um grupo de 600 holandeses em meio à sua batalha contra os portugueses pelo controle de Recife. É que uma jornalista perambulante como eu nunca sabe onde estará quando precisar escrever a próxima crônica. E eu estava em Tejucopapo.

Era uma tarde chuvosa e enlameada de domingo, calorenta, e naquele monte verdejante a internet dava pouco sinal de vida (nem Claro, nem Tim, nem Vivo vinham nos socorrer). As barraquinhas que vendiam salgadinhos mequetrefes e cachos de pitomba (um fruto silvestre e azedinho da região) não conseguiam aceitar pix, embora ostentassem, orgulhosas, cartazes dizendo que sim. E as adolescentes que chegavam com os pais, de saias curtas apertadas, blusinhas revelando o umbigo e mechas coloridas nos cabelos — elas reclamavam umas às outras da falta de acesso ao Facebook. Não havia *live streaming* possível, tampouco uma enxurrada de imagens compartilhadas nas redes sociais.

Mas a vida, ela acontecia mesmo assim.

O espetáculo, a que estávamos ali para assistir (eu, como curiosa, os demais, como plateia atenta), nascera 30 anos antes, quando uma obstinada senhora, Luzia Maria, resolveu escrever e dirigir uma peça de teatro a céu aberto recriando a batalha em tons épicos; desde então, é encenada todo final de abril, por mais de duzentos moradores de Tejucopapo, diante de uma plateia de mil e quinhentas pessoas vindas da vizinhança — famílias com roupas coloridas e todas sorrisos, crianças correndo nas arquibancadas improvisadas numa gritaria; aqui e ali, uns grupinhos de Recife, povo mais *cool*, de óculos coloridos e camisas estilizadas. De forasteiro, este ano, havia só meu marido, que além do mais é holandês, vejam só.

Até hoje dona Luzia, com seu metro e meio, o corpo redondo em postura impávida, comanda com mão de ferro a Associação Cultural Heroínas de Tejuco-papo, responsável pela encenação. Ela conta, no seu longo discurso inicial, que há alguns anos até tentaram tirá-la da presidência, mas ela bem respondeu “enquanto eu estiver viva, sou eu que dirijo o espetáculo”.

O discurso vai se alongando, atrasado em mais de duas horas porque Luzia queria esperar a chegada do prefeito. Os primeiros burburinhos ressoam da plateia:

“Começa! Começa!”,

e já se enfileiram do outro lado do monte, um tanto desanimados, os pernambucanos-vestidos-de-holandeses, de calças pretas, casaco laranja e uns capacetes de bicicleta revestidos com purpurina dourada. Sentados de cócoras uns, de pernas cruzadas outros, uns fumando cigarrinho de palha e outros brincando com algum inseto que encontraram no meio do gramado.

Mas eis que chega o momento que a multidão tanto espera, com dona Luzia anunciando no microfone: “que comece o espetáculo!”, e o alto-falante embarca, num jorro de volume desagradável com a voz dela própria, dona Luzia, numa gravação que narra os épicos lances de outrora. A batalha é encenada como uma grande dança, as mulheres aparecem com vestidos longos e monocromáticos — vermelho, verde, azul, rosa — carregando cestas de frutas e farinha, levando à mão meninos vestidos apenas com calça curta e branca, descalços, e através das estrondosas caixas de som a narração vai contando como era a tediosa (mas pintada de maneira engrandecedora) vida das mulheres de Tejuco-papo, que faziam seus deveres, cantavam cantigas, cozinhavam, parece. Até Que Um Dia, diz o alto-falante, Foram Incitadas pelo Valente Major de Milícias Agostinho Nunes, a Ferverem Água e Temperarem Com Pimenta Pra Jogar Nos Olhos Dos Invasores.

Era O Começo da Vitória.

Na próxima meia hora, a plateia, em êxtase, aplaude a cada “holandês” que cai no fosso da trincheira atingido por pedras e pimenta (e safanões), rodopiando pelo barranco (sim, são as trincheiras originais, restauradas pela Universidade Federal de Pernambuco).

“Se esses holandeses voltarem, atiro neles” — diz um dos atores, vestido com um jibão marrom.

“Vivaaaa” — grita o público.

Meu marido se encolhe um pouquinho no banco.

“Vamos matar todos eles, em nome do Brasil!” — diz uma senhora, de longos cabelos negros e um vestido de um azul angelical.

“Mata! Mata!” — ecoa a plateia.

Seguro a mão do meu companheiro de maneira alentadora.

A história revivida na peça é uma mentira daquelas que a gente conta quando quer fingir que há algum sentido na história de nossa gente. Seu objetivo é dizer que nascia ali, naquela batalha, o Brasil Independente, um papo furado: o Nordeste se livrou dos holandeses no século 17 apenas para voltar a ser católico, obscurantista e português; escravocratas, todos eram.

Mas isso é o que menos importa. Havia o fato de eu estar ali com um descendente do inimigo, disfarçado de brasileiro com sua bermuda e chinelo de dedos; havia o fato de eu ver tanta gente comprometida com o momento que já nem se reclamava da falta da internet; tudo isso já bem dava uma crônica. Mas havia ainda a dona Luzia e sua esperteza.

Volto um pouco, vamos dar marcha a ré.

O prefeito bem que tentou dar a volta em Luzia. Atrasou mais de duas horas e, quando chegou, esperava que o espetáculo já tivesse começado. Qual nada. E assim eu vi como, numa cidadezinha de 80 mil habitantes, onde essa senhora conseguiu criar uma tradição que atrai milhares de pernambucanos todos os meses de abril, ninguém faria bolinha dela. Dona Luzia fez toda essa gente esperar nas desconfortáveis arquibancadas até a entrada do prefeito, a quem imediatamente ela chamou ao microfone para entregar-lhe uma placa de homenagem — desse jeito ele não teria escapatória. E, depois, pressionou:

— Temos três demandas — disse.

Então, o vice-presidente da Associação Cultural Heroínas de Tejuco-papo, um rapaz jovem, listou-as ali, bem detalhadas. Depois Luzia ainda cobrou:

— Queremos ouvir sua resposta.

Palmas da plateia.

Dona Luiza só deixou o espetáculo começar quando o prefeito prometeu “olhar” a possibilidade de desapropriar uma casa para dar lugar à nova sede da Associação.

Mais palmas.

Busquei e busquei, mas aquela cena não está em nenhum dos recantos da internet, e, portanto, nunca mais haverá de existir fora, talvez, desta crônica: nem nas redes sociais nem no maravilhoso mundo dos programas de IA — que, como sabemos, só podem reinventar o passado que se gravou, que se compartilhou online e que eles mastigam e cospem em novo arranjo.

É que, ao mesmo tempo em que a IA promete distopias inimagináveis, a vida segue acontecendo, ainda analógica, ainda tocada por pessoas espertas, com seus medos e seus vícios e suas invenções maravilhosas. ■